

DAS HORAS*(Catarina Gomes Tolentino)*

I.

Um azul oblíquo
liggero e brando,
Se inclina sobre
A rósea
Furtiva.

Seu aroma espalha
Tons luminosos
Nos ares.

Cavalga no lombo
Dos ventos
Que cantam,
Regendo os caminhos
Das aves
Que despertam.

II.

O tom azul
Vibra por sobre
A copa das árvores
Reverberando
Sombras
Colunais
No chão desnudo.

Um suspiro
Digere o calor.

III.

Azul'anguido
Como hortênsia
Desbotada
Pelos dedos
Do sol,

Se dissipa
Em um azul-marinho
A ressonar
No mar d'estrelas
À deriva
No ar.

NOTHINGNESS*(Catarina Gomes Tolentino)*

A morte é um silêncio
Que repousa vagamente...
Sobre a pedra.
Marcando o lugar
Do que outrora fora
E já não é.

A morte é o silêncio
D'uma flor arrancada.
É a mão que vai aos lábios
A conter o tão profundo grito
Inaudito.

A morte é o silêncio
Q'escorre pelos olhos
Como orvalho
- O pranto da noite
Que atravessa o céu
Dormente.

A morte é o silêncio
O murmúrio que cresce
No vazio.
- Entreaberta, a boca
Se despede de uma voz.

O silêncio é a única coisa
Que se propaga
Na esterilidade infinda
Do vácuo.

O silêncio é a morte
Do movimento.
- Inexiste o silêncio
Há sempre um pulsar.

O silêncio é uma folha amarelada,
Eco d'uma árvore caída,
Desalento d'uma mente exilada,
Rastro d'uma idéia fugidia.
- A morte é uma imensa surdez.